



18 de agosto de 2023

PREVISÕES AGRÍCOLAS

Julho de 2023

## PRODUÇÃO DE CEREAIS DE INVERNO EM MÍNIMOS HISTÓRICOS

As previsões agrícolas, em 31 de julho, apontam para um ano agrícola novamente marcado pela seca que atinge 96,9% do território do Continente, dos quais 34,4% em seca severa ou extrema (a sul do Tejo).

A colheita dos cereais para grão de outono/inverno está concluída, confirmando a atual campanha como a pior de sempre para todas as espécies cerealíferas, resultado dos decréscimos de área e de produtividade.

A escassa produção de matéria verde para o pastoreio, em particular a sul do Tejo, obrigou à antecipação da suplementação dos efetivos pecuários em regime extensivo com alimentos conservados, aumentando a procura num cenário de escassa oferta, com os preços a duplicarem face a 2022.

A instalação das culturas de primavera/verão decorreu com normalidade, com a campanha de regadio assegurada em 60 albufeiras hidroagrícolas, mantendo-se 5 com restrições de utilização de água de rega desde o ano passado. De um modo geral, as culturas de primavera/verão apresentam um regular desenvolvimento, embora no caso do tomate para a indústria se antevejam produtividades inferiores ao normal.

Os pomares de pereiras e macieiras deverão registar decréscimos de produtividade pelo segundo ano consecutivo (10% e 15%, respetivamente). A produção de cereja foi menos de metade (-55%) da campanha anterior.

---

O mês de julho caracterizou-se, em termos meteorológicos, como muito seco<sup>1</sup>. O valor médio da precipitação foi de 3,0mm, o que corresponde a apenas 22% da normal 1971-2000 (13,7mm), sendo o quinto julho mais seco desde 2000. De notar que neste século apenas três meses de julho (2001, 2009 e 2014) registaram valores de precipitação superiores à normal. Quanto à temperatura, o valor médio foi de 22,5°C, com um desvio de +0,3°C face à normal (1971-2000), o que permite classificar o mês como normal<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Classifica-se como muito seco um mês cujo valor de precipitação permite posicioná-lo, por comparação com os registos desse mês, no período de referência (1971-2000), no intervalo dos 20% mais secos.

<sup>2</sup> Classifica-se como normal um mês cujo valor da temperatura média situa-se próximo da mediana dos registos desse mês no período de referência (1971-2000), mais concretamente entre os percentis 40 e 60.



## CLIMATOLOGIA EM JUNHO 2023

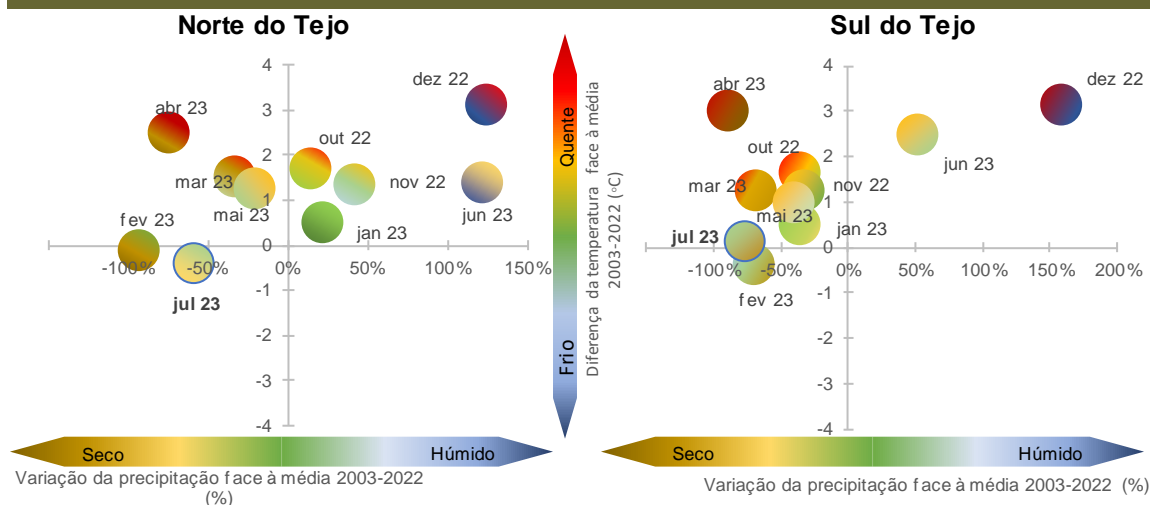
Observação	Temperatura média do ar (°C)				Precipitação média (mm)			
	Média mensal	1ª década	2ª década	3ª década	Mensal acumulada	1ª década	2ª década	3ª década
<b>A norte do Tejo</b>								
Valor verificado	<b>20,9</b>	19,5	20,4	22,7	<b>65,3</b>	53,7	10,1	1,5
Desvio da normal	<b>2,2</b>	2,3	1,2	3,1	<b>29,5</b>	38,5	0,3	-9,3
<b>A sul do Tejo</b>								
Valor verificado	<b>23,7</b>	21,6	23,2	26,2	<b>17,2</b>	16,2	0,5	0,5
Desvio da normal	<b>3,4</b>	2,5	2,5	5,1	<b>1,2</b>	9,4	-5,2	-3,0

Fonte: Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I.P.

Nota: foram utilizados dados de 62 estações meteorológicas a norte do Tejo e de 35 estações meteorológicas a sul do Tejo

De referir que o cenário meteorológico do presente ano hidrológico (com início em outubro de 2022), tem sido significativamente distinto em termos regionais. A norte do Tejo, os meses de outubro de 2022 a janeiro de 2023 tiveram precipitação acima da média mensal ocorrida nos últimos 20 anos hidrológicos (2003 a 2022), sendo que só a partir de fevereiro se registou uma diminuição da precipitação. Por contraste, a sul do Tejo, apenas os meses de dezembro de 2022 e junho de 2023 registaram precipitação acima da média (2003-2022), com fevereiro, março, abril e julho a apresentarem desvios negativos para a média superiores a 50%.

### Temperatura do ar e precipitação no ano hidrológico 2022/2023 - comparação face à média no período 2003-2022

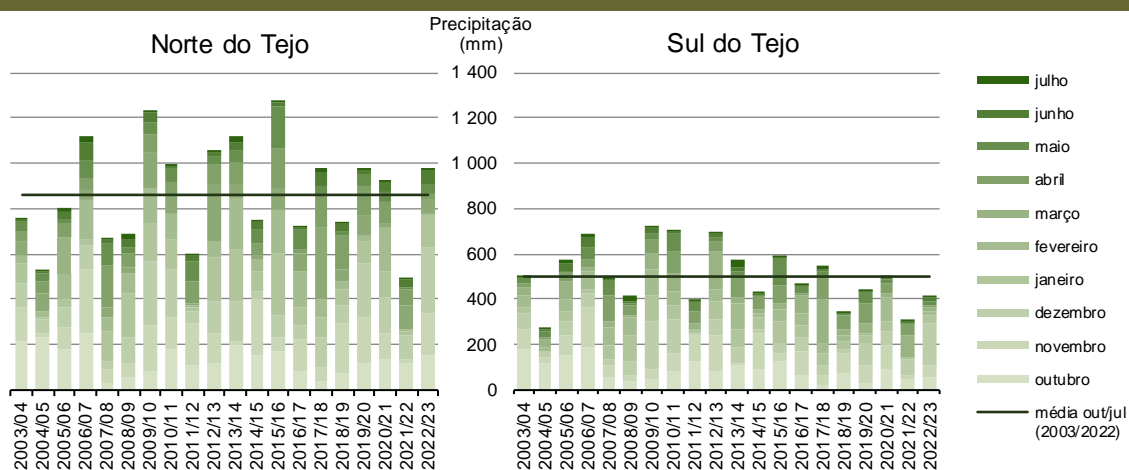


Fonte: IPMA (cálculos INE, I. P.)



Esta heterogeneidade regional da precipitação mensal contribuiu, naturalmente, para um cenário também distinto na precipitação acumulada deste ano hidrológico. A norte do Tejo, choveram 977,5mm desde outubro de 2022, quase o dobro do registado no ano hidrológico 2021/22 (490,1mm) e 13% acima do valor médio de 2003 a 2022 (864,0mm), sendo, até à data, o oitavo ano hidrológico mais chuvoso dos últimos vinte. Em contrapartida, a sul do Tejo, a precipitação total foi de 407,1mm, 36% acima do registado no ano hidrológico 2021/22 (299,0mm) mas 18% abaixo do valor médio de 2003 a 2022 (498,6mm), posicionando este ano hidrológico como o sexto mais seco dos últimos vinte.

## Precipitação média entre outubro e julho dos últimos 20 anos hidrológicos



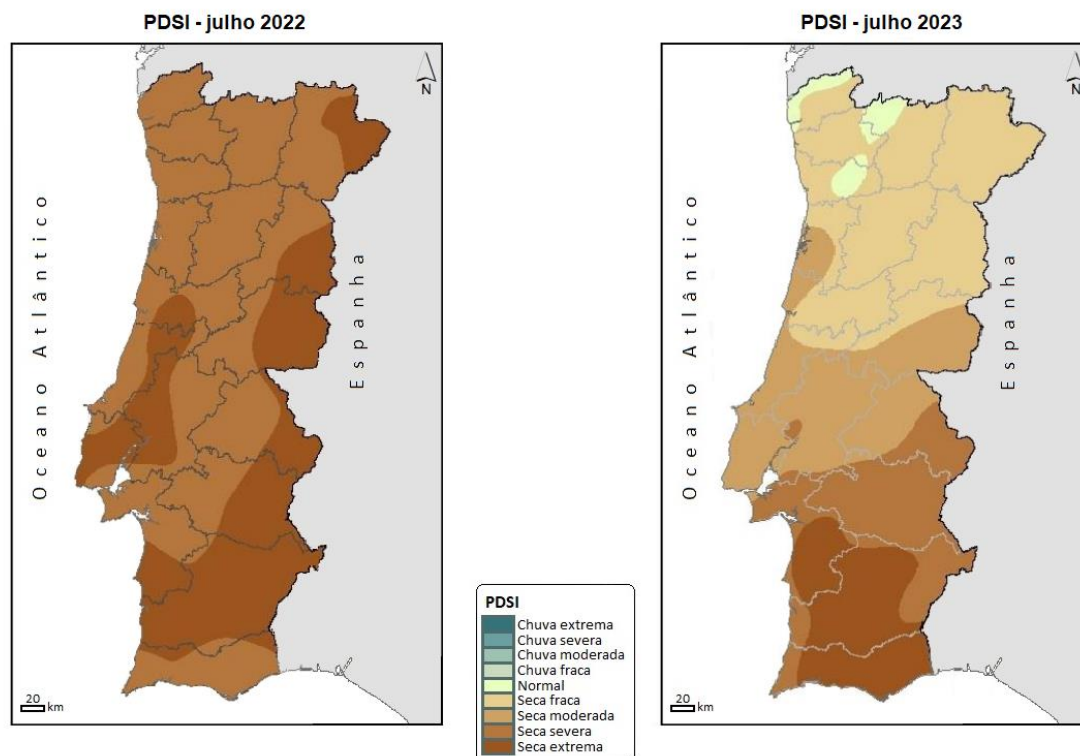
Fonte: IPMA (cálculos INE, I. P.)

Em resultado das condições meteorológicas de julho, a situação de seca meteorológica agravou-se, aumentando a área em seca (+11,5 p.p.) e a sua intensidade. No final do mês, de acordo com o índice meteorológico de seca PDSI<sup>3</sup>, 96,9% do território continental encontrava-se em seca meteorológica, sendo que a grande maioria das regiões a sul do Tejo apresentavam registos nas classes de seca extrema e de seca severa (as duas mais graves do índice), que, em conjunto, ocupavam 34,4% do território continental. Face ao período homólogo, julho de 2022 apresentava um cenário mais grave, nomeadamente em termos de intensidade, uma vez que a totalidade do território se encontrava nas classes de seca severa ou extrema.

<sup>3</sup> O índice PDSI (Palmer Drought Severity Index) baseia-se no conceito do balanço da água tendo em conta dados da quantidade de precipitação, temperatura do ar e capacidade de água disponível no solo e permite detetar a ocorrência de períodos de seca, classificando-os em termos de intensidade (fraca, moderada, severa e extrema). Informação constante em Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I. P. (IPMA, I.P.) - Boletim Climático de Portugal Continental, julho 2023, consultado em 11 de agosto de 2023, [https://www.ipma.pt/pt/media/noticias/documentos/2023/Boletim\\_clima\\_IPMA\\_jul2023.pdf](https://www.ipma.pt/pt/media/noticias/documentos/2023/Boletim_clima_IPMA_jul2023.pdf).



## Distribuição espacial do índice de seca meteorológica a 31 de julho de 2022 e a 31 de julho 2023



Fonte: IPMA

O teor de água no solo, medido em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas, registou uma diminuição, face ao final de junho, em todo o território continental, mais significativa no Interior Norte, Vale do Tejo, Alentejo e Algarve. Estas regiões registam extensas áreas com teores de humidade do solo inferiores a 10%, existindo mesmo alguns locais que alcançaram o ponto de emurchecimento permanente<sup>4</sup>.

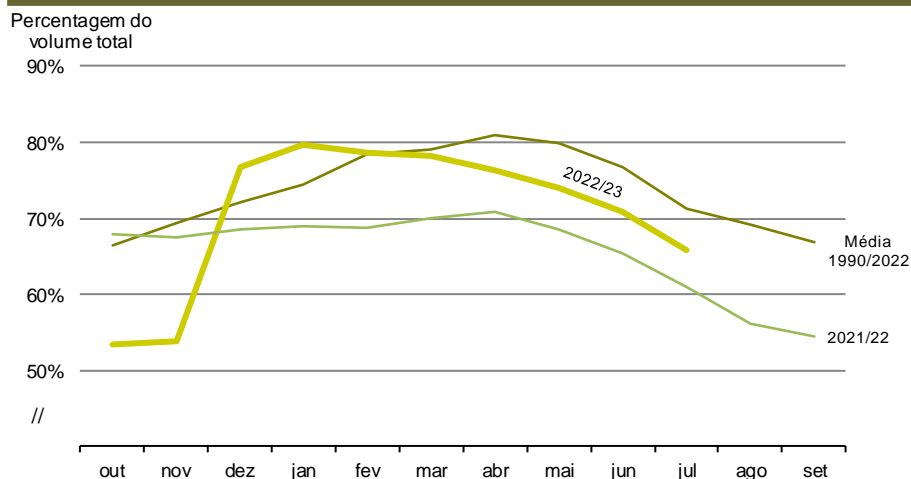
Quanto às reservas hídricas, o volume de água armazenado nas principais albufeiras com aproveitamento hidroagrícola de Portugal continental<sup>5</sup> encontrava-se a 66% da capacidade total, valor inferior ao registado no final do mês anterior (71%) e ao valor médio de 1990/91 a 2021/22 (71%), mas superior ao valor de julho de 2022 (61%).

<sup>4</sup> Teor de humidade do solo abaixo do qual as plantas são incapazes de extrair água.

<sup>5</sup> Análise feita sobre as albufeiras monitorizadas no âmbito do Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos (SNIRH) cuja utilização inclui o fornecimento de água para rega (mais informações em <https://sir.dgadr.gov.pt/barragens>). Cálculos INE a partir da informação constante do Boletim de Armazenamento nas Albufeiras de Portugal Continental - Situação das Albufeiras em julho de 2023, consultado em 10 de agosto de 2023 in <https://snirh.apambiente.pt/index.php?idMain=1&idItem=1.3>.



## Armazenamento total nas principais albufeiras com aproveitamento hidroagrícola (ano hidrológico)

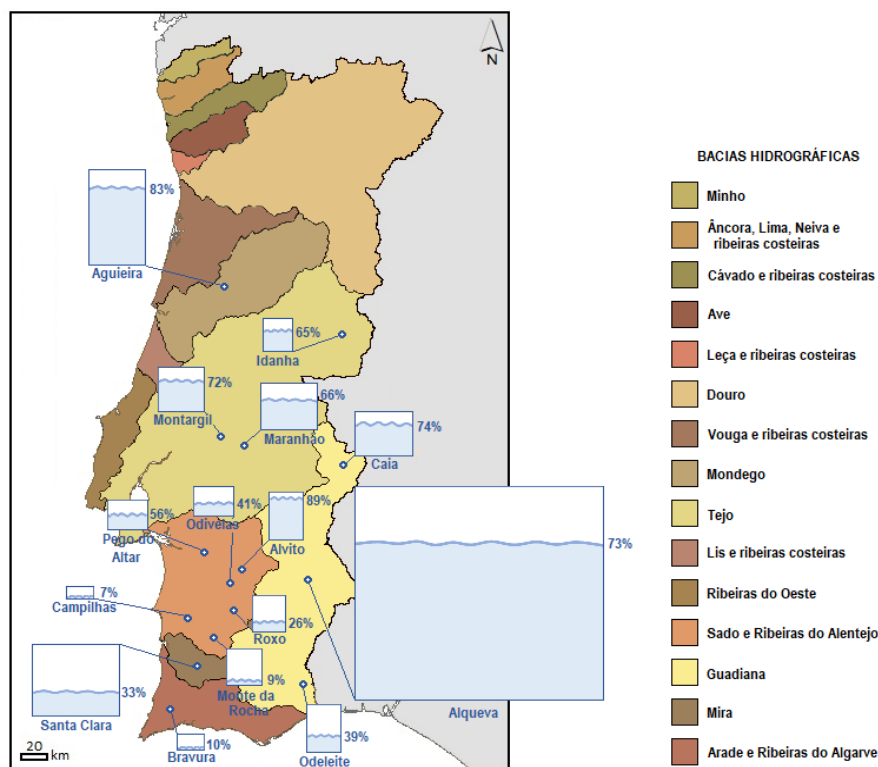


Fonte: APA/SNIRH - Boletim de Armazenamento nas Albufeiras de Portugal Continental (cálculos INE, I. P.)

Individualmente, a albufeira do Alqueva, na bacia hidrográfica (b. h.) do Guadiana, continua a destacar-se pela positiva, apresentando um nível de armazenamento de 73% da sua capacidade total, apenas 3 p.p. abaixo da média dos registos de julho desde o encerramento das comportas e início do enchimento da albufeira (2002). A água armazenada no Alqueva representava, em 31 de julho, cerca de 2/3 do total de água armazenada nas principais albufeiras com aproveitamento hidroagrícola. Igualmente com níveis de armazenamento elevados encontravam-se as albufeiras da Aguieira (b. h. do Mondego), de Montargil (b. h. do Tejo), do Alvito (b. h. do Sado) e do Caia (b. h. do Guadiana), todas com um nível de armazenamento superior a 70% da sua capacidade total. Em contrapartida, era evidente a situação de escassez hídrica nas albufeiras de Santa Clara (b. h. do Mira) e do Roxo (b. h. do Sado), com níveis de armazenamento de, respetivamente, 33% e 26% da capacidade total. As albufeiras do Monte da Rocha e de Campilhas (b. h. do Sado) e da Bravura (b. h. do Arade e Ribeiras do Algarve) encontram-se com níveis de armazenamento que impedem a sua utilização na vertente de regadio.



## Armazenamento individual (% da capacidade total) nas principais albufeiras de aproveitamentos hidroagrícolas (31 de julho de 2023)



Fonte: APA/SNIRH - Boletim de Armazenamento nas Albufeiras de Portugal Continental;  
DGADR/SIR - Sistema de informação do regadio (cálculos INE, I.P.)

Estas condições meteorológicas e hidrológicas possibilitaram a realização dos trabalhos agrícolas da época sem constrangimentos. Contudo, o prolongamento da situação de seca afetou o desenvolvimento das culturas de sequeiro, em especial os cereais, prados, pastagens e culturas forrageiras, mas também algumas culturas permanentes. No regadio, a antecipação e o aumento da frequência das regas obrigaram a limitações na utilização da água nos regadios públicos e privados de algumas zonas do Alentejo (Alentejo Litoral e interior do Baixo Alentejo, nomeadamente em Almodôvar, Ourique e Mértola) e no Barlavento Algarvio. De referir que, nestas zonas, já se registam alguns constrangimentos no abeberamento dos efetivos pecuários, ultrapassados com o recurso ao transporte de água para a exploração e/ou utilização de fontes de abeberamento de explorações vizinhas.

### Seca prejudica produção forrageira, em particular a sul do Tejo

As condições meteorológicas adversas ocorridas desde janeiro, nomeadamente a escassa precipitação e as elevadas temperaturas para a época, em particular a sul do Tejo, condicionaram muito negativamente o ciclo vegetativo dos prados, pastagens e culturas forrageiras, penalizando o seu desenvolvimento e, conseqüentemente, a produção de biomassa destinada à alimentação dos efetivos pecuários. A produção forrageira (natural, melhorada ou semeada) foi muito escassa e inferior à do ano anterior (também fortemente



marcado pela seca), com impacto negativo nas disponibilidades alimentares em pastoreio direto e, simultaneamente, na obtenção de alimentos conservados (fenos e silagens), essenciais à alimentação dos efetivos pecuários em épocas de maior carência alimentar. A deterioração muito precoce do desenvolvimento vegetativo dos prados e pastagens permanentes (naturais e semeados) e a conseqüente redução das disponibilidades de matéria verde para o pastoreio, obrigaram à antecipação da suplementação dos efetivos pecuários em regime extensivo com alimentos conservados. No entanto, as escassas reservas destes alimentos nas explorações, resultado das baixas produções dos dois últimos anos, aumentaram a procura de fenos, fenossilagens, silagens e palhas num cenário de escassa oferta (interna e externa), levando ao conseqüente aumento dos preços (já inflacionados pela subida dos custos de produção), com registos frequentes de duplicação face a 2022.

De referir que, no Alentejo, verificam-se decréscimos de produtividade de matéria verde entre os 20% e os 80% de acordo com as sub-regiões, sendo a maior quebra observada nos concelhos de Castro Verde, Ourique, Mértola e Almodôvar.

A norte do Tejo, a situação não assume a mesma gravidade, estando a suplementação com alimentos grosseiros armazenados e/ou alimentos concentrados mais próxima dos parâmetros normais.

## Campanha do milho de regadio decorre com normalidade

A área de milho de regadio deverá ser semelhante à semeada em 2022, encontrando-se a cultura maioritariamente no estado de enchimento de grão, com um bom desenvolvimento vegetativo e sem problemas fitossanitários relevantes. Não se têm registado dificuldades no abastecimento de água de rega, sendo a frequência das regas a norte do Tejo inferior à do ano anterior (em particular no Entre Douro e Minho), uma vez que as temperaturas foram mais amenas e o arrefecimento noturno permitiu a conservação de alguma humidade do solo.

O milho de sequeiro, cuja área deverá decrescer 5%, é tradicionalmente semeado mais cedo no Norte e litoral Centro para aproveitamento da humidade natural do solo. As sementeiras de março e início de abril beneficiaram das chuvas ocorridas em estágios fenológicos cruciais para a formação da espiga. Em contrapartida, nas sementeiras mais tardias ou efetuadas em terrenos com menor capacidade de retenção da humidade, a cultura evidencia sinais de stress hídrico, uma vez que os chuviscos não foram suficientes para suprir as necessidades de água da cultura.

## Continente

Culturas	Área						Índices	
	2018	2019	2020	2021	2022	2023 f	2023 f	2023 f
	1 000 ha						(Média 2018/22 = 100)	(2022 = 100)
<b>CEREAIS</b>								
Milho de regadio	76	69	65	67	67	67	98	100
Milho de sequeiro	7	8	8	8	7	7	91	95

Fonte: INE, I. P., Estado das culturas e previsão das colheitas  
f - Valor previsto



## Arrozais com bom desenvolvimento vegetativo apesar da presença de milhã

No final de julho, a maior parte dos arrozais encontrava-se na fase de encanamento, estando as áreas semeadas mais cedo nas fases de emborrachamento e espigamento. De um modo geral, a cultura do arroz apresenta um bom desenvolvimento vegetativo, embora com a presença de infestantes, nomeadamente a milhã, principalmente nas zonas litorais do Baixo Mondego e Vouga. Como tem vindo a ser referido, a precipitação acumulada entre outubro e dezembro de 2022 permitiu a reposição das reservas hídricas dos aproveitamentos hidroagrícolas onde se cultiva arroz (exceto no Mira e Alto Sado), prevendo-se um aumento de 5% na produtividade, face a 2022.

### Continente

Culturas	Produtividade						Índices	
	2018	2019	2020	2021	2022	2023 f	2023 f	2023 f
	kg/ha						(Média 2018/22 = 100)	(2022 = 100)
<b>CEREAIS</b>								
Arroz	5 479	5 601	5 119	5 992	5 707	6 000	108	105
<b>BATATA</b>								
Batata de regadio	22 110	25 360	25 543	26 899	23 776	25 000	101	105
<b>CULTURAS INDUSTRIAIS</b>								
Girassol	1 785	1 636	1 592	1 782	1 658	1 740	103	105
Tomate para indústria	84 783	97 625	94 233	99 946	84 135	88 500	96	105
<b>FRUTOS</b>								
Maçã	19 471	26 067	20 087	26 644	21 330	18 130	80	85
Pera	14 400	17 530	11 565	20 208	12 197	11 000	72	90
Pêssego	11 408	11 852	9 168	11 218	8 579	9 900	95	115
Amêndoa	443	655	604	710	723	835	133	115
Uva de mesa	8 966	8 274	7 998	8 952	6 831	7 515	92	110
Uva para vinho (hl/ha)	33	37	36	42	39	42	112	108

Fonte: INE, I. P., Estado das culturas e previsão das colheitas  
f - Valor previsto

## Ano normal para a batata de regadio

No Norte e Centro, as condições meteorológicas favoreceram o desenvolvimento da batata de regadio. Na Península de Setúbal, a produtividade da batata de consumo foi idêntica à da campanha anterior, sendo que na batata para a indústria foi superior, estimando-se um acréscimo global na ordem de 5%, o que corresponde a um ano normal (+1% face à média do último quinquénio).

## Produtividade do tomate para a indústria aquém de um ano normal

A colheita do tomate para a indústria iniciou-se na terceira semana de julho, apresentando as searas um normal desenvolvimento, sem problemas fitossanitários a destacar. No entanto, a onda de calor de junho provocou algum aborto na floração, pelo que a produtividade, embora superior à alcançada na campanha anterior (+5%), deverá ser inferior à da média do último quinquénio (-4%).





## **Produtividade da maçã e da pera decresce pelo segundo ano consecutivo**

A queda de granizo em Trás-os-Montes causou prejuízos nos pomares de macieiras, especialmente nos que não têm cobertura de proteção, obrigando à aplicação de adubos foliares ricos em cálcio para acelerar a cicatrização dos frutos. No entanto, estas ocorrências foram localizadas, com parte da produção afetada a destinar-se à indústria, embora com uma desvalorização comercial significativa dos frutos. As macieiras no Oeste exibem um atraso vegetativo de 10 dias relativamente à sua fenologia normal, estando previsto o início da colheita do grupo das Gala para meados de agosto e, no Alto Oeste, para o final do mês. Globalmente prevê-se um decréscimo de maçã de 15% face a 2022 e 20% face à média do último quinquénio.

As pereiras recuperaram parte do atraso fenológico que apresentavam no mês anterior, estando o início da colheita da pera Rocha previsto para meados de agosto e, no Alto Oeste, entre a última semana de agosto e a primeira de setembro. No entanto, as perspetivas não são animadoras devido às condições meteorológicas adversas que, pelo segundo ano consecutivo, marcaram a campanha da pera Rocha, nomeadamente o inverno ameno que condicionou a diferenciação floral, o calor excessivo durante a floração e, na fase final do ciclo, a falta de humidade e as temperaturas anormalmente elevadas, que prejudicaram o crescimento dos frutos. Prevê-se assim um decréscimo da produção de 10%, resultado principalmente da quebra esperada no Alto Oeste (-20%).

## **Pomares de pessegueiros com produtividades a rondar as 10 toneladas por hectare**

Quanto ao pêssigo, as variedades mais precoces encontram-se na fase terminal de produção, prevendo-se, apesar das condições meteorológicas adversas, designadamente a seca e as elevadas temperaturas, produtividades próximas das normais (-6%, face à média do último quinquénio).

## **Produtividade da amêndoa deverá aumentar pelo terceiro ano consecutivo**

No Alentejo, prevê-se um aumento de produtividade devido essencialmente à entrada de cada vez mais pomares em produção cruzeiro, o que tem contribuído para a tendência de crescimento dos rendimentos unitários. Em Trás-os-Montes, o estado do tempo verificado no mês anterior foi propício ao bom desenvolvimento vegetativo da cultura, devendo a produtividade global da amêndoa aumentar 15%.

## **Boas perspetivas para a vindima 2023**

As vinhas para a produção de vinho, dependendo das castas e das particularidades edafoclimáticas das regiões vitícolas, apresentavam-se, no final de julho, entre o estado fenológico “L - fecho dos cachos” (Entre Douro e Minho) e o “N - maturação” (Ribatejo e Alentejo), devendo registar-se uma antecipação das vindimas, face ao habitual. Excetuando alguns ataques de míldio e oídio, fortes na região dos Vinhos Verdes e em certas zonas do Centro, não se registaram acidentes sanitários de relevância, muito contribuindo para este facto quer o tempo quente e a ausência de precipitação, quer a correta gestão das operações culturais na vinha (oportunidade e



posicionamento dos tratamentos, desfolhas e encaminhamento dos rebentos/varas, etc.). Preveem-se aumentos de produtividade em todas as regiões (exceto no Dão, que deverá manter a alcançada no ano anterior), devendo o rendimento unitário global atingir os 42 hectolitros/hectare (+8%, face à vindima de 2022).

Na uva de mesa, prevê-se um aumento de 10% na produtividade, face a 2022.

## Campanha de cereais de outono/inverno foi a pior de sempre para todas as espécies

A colheita dos cereais para grão de outono/inverno está concluída, com as produções obtidas a confirmarem que a campanha 2022/23, muito marcada pela seca severa, foi a pior de sempre para todas as espécies cerealíferas, resultado dos decréscimos de área e de produtividade. Os cereais semeados tardiamente após as chuvas de dezembro e janeiro foram muito penalizados, com emergências e desenvolvimento vegetativos fracos. A ausência de precipitação na primavera e as elevadas temperaturas prejudicaram muito o desenvolvimento vegetativo dos cereais praganosos de sequeiro, promovendo o seu adiantamento e o espigamento precoce.

### Continente

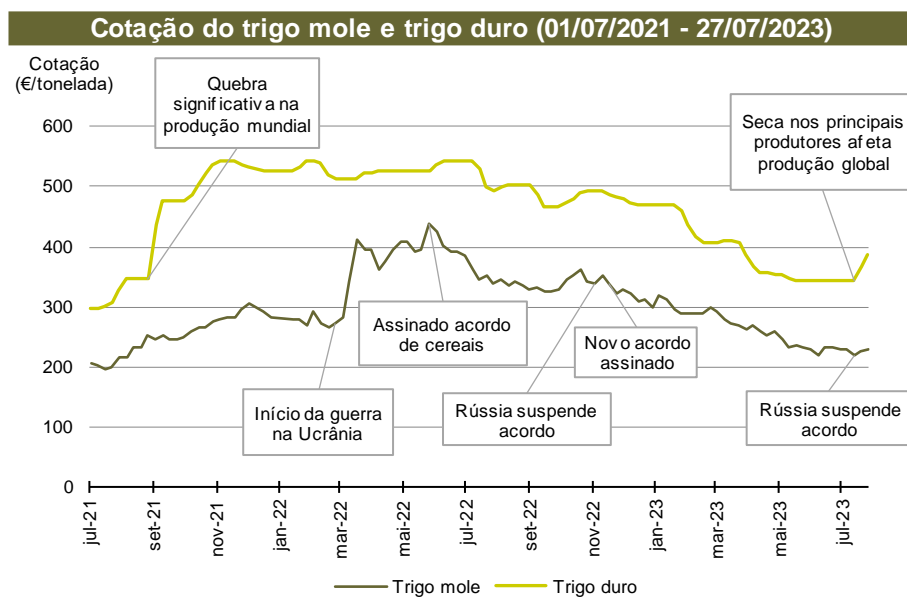
Culturas	Produção						Índices	
	2018	2019	2020	2021	2022	2023 f	2023 f	2023 f
	1 000 t						(Média 2018/22 = 100)	(2022 = 100)
<b>CEREAIS</b>								
Trigo mole	56	63	70	55	47	28	53	60
Trigo duro	11	12	10	12	13	8	70	60
Triticale	28	25	24	20	18	10	47	55
Centeio	17	16	17	16	13	12	78	90
Cevada	60	69	60	48	27	15	32	55
Aveia	56	50	47	38	21	13	34	60
<b>BATATA</b>								
Batata de sequeiro	22	32	31	27	20	17	68	85
<b>FRUTOS</b>								
Cereja	17	22	9	24	25	11	62	45

Fonte: INE, I. P., Estado das culturas e previsão das colheitas  
f - Valor previsto

De referir que, os produtores de cereais de sequeiro que se candidatam no âmbito do PEPAC aos pagamentos associados poderão, na sua maioria, não ser elegíveis, em virtude de não cumprirem as produtividades mínimas exigidas no âmbito da medida.



A seca que penalizou extraordinariamente a produção nacional de cereais de outono/inverno também afetou a produção noutras regiões, nomeadamente na Europa do Sul, onde se produz trigo duro (destinado a massas), com a diminuição da oferta a pressionar o preço desta *commodity* nos mercados internacionais. Por outro lado, o trigo mole (destinado à panificação), cujo preço disparou com o início da guerra, tem registado uma tendência de descida.



## Produção de batata de sequeiro decresce para níveis historicamente baixos

No que se refere à batata de sequeiro, a colheita está praticamente concluída, observando-se no Norte uma maior quantidade de tubérculos por planta e maiores calibres, comparativamente ao ano anterior. Em contrapartida, no Oeste observa-se uma redução de calibre provocada pela falta de água e pelo encurtamento do ciclo, devendo assim a produção global decrescer 15% e 32%, face a 2022 e à média do último quinquénio, respetivamente. Não se antevêm problemas de comercialização, uma vez que os preços pagos à produção são considerados aceitáveis, apresentando os tubérculos, de um modo geral, boas condições de conservação.

## Produção de cereja muito afetada pelas condições meteorológicas adversas

A colheita da cereja está concluída, confirmando-se a má campanha com quebras de 55%, face a 2022. Os pomares de cerejeiras foram fortemente afetados pelas condições climáticas adversas, nomeadamente a falta das horas de frio, que condicionou a diferenciação floral, a que se seguiu, na fase da floração/polinização, as acentuadas amplitudes térmicas diurnas/noturnas, que prejudicaram o vingamento dos frutos e,

<sup>6</sup> Comissão Europeia - Dados estatísticos sobre cereais (semanais), in <https://agridata.ec.europa.eu/extensions/DashboardCereals/ExtCerealsPrice.html>, consultado em 11 de agosto de 2023.



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA  
STATISTICS PORTUGAL

informação à comunicação social

# DIÍSTAQUE

posteriormente, a persistência de temperaturas muito elevadas, que aceleraram a maturação dos frutos e impediram que estes alcançassem o calibre normal. Finalmente, a precipitação ocorrida nos últimos dias de maio até ao final da primeira quinzena de junho, quando decorria a colheita, provocou o fendilhamento e rachamento dos frutos, limitando a qualidade e o poder de conservação.

#### Ficha técnica de execução:

As Previsões Agrícolas reportam-se aos últimos dias do mês de julho de 2023;

A recolha da informação é assegurada regionalmente pelas Direções Regionais de Agricultura e Pescas em articulação com o INE;

As Previsões Agrícolas são também divulgadas no Boletim Mensal de Estatística e no Boletim Mensal da Agricultura e Pescas ([http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes)).